

A dobra e o vazio – Questões sobre o barroco e a arte contemporânea

Romagnolo, Sérgio

São Paulo: Editora Unesp, 2018

Rogério Rauber

Ao comentar autores de um grande espectro temático, esse livro impressiona pela concisão de suas 99 páginas, às quais comparecem teóricos do porte de Omar Calabrese, Rodrigo Naves, Gilles Deleuze, Gottfried Wilhelm Leibniz, Martin Heidegger, Jacques Derrida, Georges Didi-Huberman e Alberto Tassinari, entre outros. Por coerência de ofício, Sérgio Romagnolo também abre espaço – ou provoca dobras? – e traça paralelos e cruzamentos – ou ocupa vazios? – em meio às obras de Michelangelo, El Greco, Magritte, José Resende, Amilcar de Castro, Joseph Kosuth, Sol Lewitt, Joseph Beuys, Aleijadinho, Matthew Barney, Richard Serra e outros mais.

Teorias científicas, questões filosóficas e experiências artísticas, tão diversas quanto complexas, parecem elencadas visando elucidar questões emergentes do repertório poético do autor. O artista plástico nascido em 1957 foi um dos integrantes paulistas da chamada Geração 80 e atualmente leciona no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Sua poética problematiza imagens forjadas pela indústria cultural, símbolos religiosos e ícones da vida urbana contemporânea. Recorrentes em suas pinturas, esculturas e objetos, as dobras e o vazio ganharam protagonismo nas pesquisas para a dissertação de mestrado e para a tese de doutoramento das quais esse livro é uma síntese.

Dobras. Como aquelas criadas nas esculturas de Romagnolo, que assumem a forma de objetos

do cotidiano a partir de superfícies amassadas. E como aparecem em suas pinturas, nas sobreposições transparentes das capturas de tela (*stills*) de seriados televisivos dos anos 60. Tais dobras, ora pictóricas, ora escultóricas, provocaram reflexões sobre a grande explosão originária do universo e sua posterior expansão. Depois, instrumentalizado pela topologia e teoria das catástrofes, o autor discorre sobre a planaridade do espaço-tempo, o barroco, as mônadas e ainda sobre rugas, arestas, bordas, amassamentos, aspas, estruturas, destruições, paródias, alegorias, ironias, sátiras, alusões, citações, doações, jarros e pneus.

Vazios. Os espaços presentificados no interior das esculturas do autor podem ter sido a motivação para dissertar sobre os problemas da ausência, falta, desaparecimento, fantasma, oco, vago, nada, não presença, *pre-sença* (tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback para o *dasein*

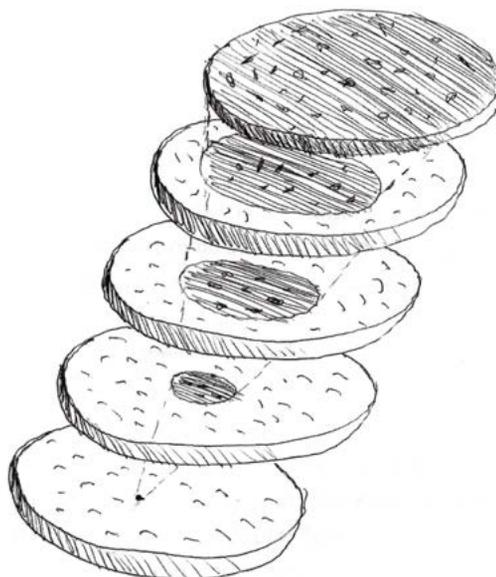


Ilustração de Sérgio Romagnolo com a legenda: "Visto em perspectiva, dobras e rugas já existiam no espaço-tempo antes da formação de matéria." (ROMAGNOLO, 2018, p45)

heideggeriano, adotada por Romagnolo), do espaço da obra, daquele que lhe é interno e do que a circunda. E, também aí, jarros e pneus.

Como observa Alberto Tassinari, que prefacia o livro, o autor, porém, “não escreveu seu inusitado texto para guia de suas obras” (p.8). Dobras e vazios foram questões que lhe serviram como pontos de partida, não de chegada. Isso pode ser constatado pela ausência de descrições ou fotografias de sua produção artística autoral. Talvez a exceção seja a foto de capa, em que vemos o detalhe de uma escultura cuja autoria essa primeira edição não revela (esquecimento?), mas que, a julgar pela luminosidade e textura comuns ao plástico tão utilizado por esse artista, parece ser de sua própria fatura.

Será que, depois de instigado por teorias científicas e filosóficas, o leitor acostumado com a literatura sobre arte se sentirá mais confortável nas páginas em que Romagnolo comenta a produção de seus pares? A ver: sobre o *Passo da Paixão de Cristo*, de Aleijadinho, retornam reflexões sobre dobras, continuidades, espaços, rupturas e um paralelo com uma obra de Matthew Barney. No capítulo em que aborda uma escultura pública de José Resende, o problema são as condições espaço-temporais da obra, o que vale confrontação estabelecida com as dobras e cortes de Amílcar de Castro.

Em função dos detalhes que descrevem, algumas ilustrações do livro se adequaram ao desenho via software, a cargo de Marcos Matsukuma. Onde o assunto oportuniza, o traço do artista/autor comparece, com destaque para a última figura: o croqui de um pneu que parece sintetizar todos os conceitos abordados nas páginas anteriores. O autor, entretanto, não aborda (esquecimento?) as rugas pneumáticas, responsáveis pela aderência

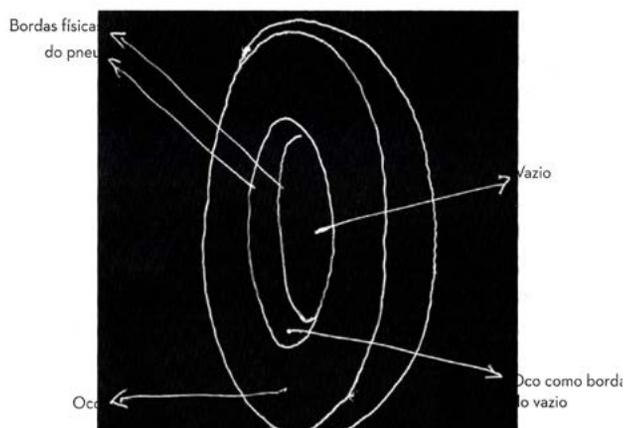


Ilustração de Sérgio Romagnolo demonstrando, na imagem de um pneu, particularidades de vazios, ocos e bordas. In ROMAGNOLO, 2018, p91.

da roda vulcanizada às superfícies destinadas a percorrer e que, quando o desgaste as torna ausentes, pode provocar acidentes ou catástrofes; rugas, superfícies, ausências e catástrofes que foram tratadas nos capítulos iniciais. A figura do pneu também acrescenta, por fim, outro tema recorrente em arte e que já havia rodado todo o livro, sem ainda haver sido nomeado: a circularidade.

Concisão e barroco seriam antinômicos? Para nos desvencilhar do equívoco de supor o número de páginas como parâmetro a considerar, Sérgio Romagnolo ensina que, sempre contemporâneo e muito brasileiro, o barroco pode ser substrato de textualidades a aparentar pouca extensão, mas conter muita espessura. Sobre-tudo quando se potencializa, como neste livro, dobras e vazios